



## Semântica estrutural e poética do sentido

Denis Bertrand \*

Tradução de Dilson Ferreira da Cruz \*\*

**Resumo:** Greimas atribuía sua opção pela língua francesa à “escrita de aço de Flaubert”. De igual modo, o edifício conceitual e analítico de *Semântica estrutural* dá à forma do conteúdo uma tal materialidade que esta também pode ser denominada “de aço”. Interrogaremos essa sensibilidade material que orienta a reconstrução científica do semantismo e a consideraremos uma poética. Esse procedimento libera efetivamente as potencialidades interpretativas do texto dos enclaves em que se encontra sua essência, tornando-as, então, formalmente descritíveis – ao mesmo tempo que assume sua parcela inevitável de eclipse e imperfeição. Sobre essa base, interrogaremos, no centro de *Semântica estrutural*, a passagem da construção analítica à expressão literária e, particularmente, ao imaginário de Bermanos estudado por Tashun Yücel e, daí, à introdução de *Sobre o sentido*, que surgiria alguns anos mais tarde, ela própria intitulada “Sobre o sentido”.

**Palavras-chave:** Semântica estrutural, leitura, poética, sentido

### 1 Contexto e leitura

Chegamos agora ao termo de nosso encontro. Mas esse fim é um começo: o colóquio de Istambul, o primeiro de uma longa série, abre o campo de uma reflexão que é chamada a se estender ao longo de todo ano de 2017 em diversos locais do mundo: Puebla, São Paulo, Rio de Janeiro, Paris, Caunas e alhures. Greimas faria cem anos no próximo ano. Os semioticistas vão celebrar esse centenário não em uma perspectiva comemorativa, mas, como vimos aqui, com o olhar prospectivo da pesquisa – o único que está à altura do não-egotismo greimasiano. É por isso que o congresso da Associação Francesa de Semiótica de Paris tem por tema, de 29 de maio a 2 de junho de 2017, “Greimas hoje: o porvir da estrutura”.

Coube, então, a mim, a tarefa delicada de fechar, no calor da hora, essas duas jornadas de reflexão e debates. Agradeço profundamente aos organizadores, apesar de sentir toda a dificuldade da missão. A esse respeito, já na abertura de nosso colóquio, Jacques Fontanille proferiu palavras reconfortantes: “As conferências inaugurais são mais delicadas – disse ele – que as de encerramento, pois, na pressa de partir, ninguém mais ouve as bobagens que então são ditas...”

Assim, bobagem por bobagem, vou procurar entrecruzar, em uma tentativa de síntese, algumas linhas de força do que ouvi com o que inicialmente eu havia previsto desenvolver em torno da relação, talvez paradoxal, entre “*Semântica estrutural* e poética do sentido”. Certamente paradoxal, pois Herman Parret lembrou em sua intervenção o “pequeno charme literário” dessa obra... Contudo, não se tratando aqui de uma recensão nem da ata de um encontro nem *a fortiori* de um debate mais ou menos contraditório sobre uma herança, peço de antemão ao leitor a gentileza de relevar o caráter bastante imperfeito das observações que se seguem; e peço particularmente àqueles que não citarei, seja porque não os compreendi, seja porque não os ouvi corretamente, a gentileza de me perdoar as imperfeições que estão de todas as formas, como Greimas nos ensinava já em *Semântica estrutural*, no coração de toda manifestação do sentido.

Começarei falando de um tema que apenas Herman Parret abordou de forma explícita: a experiência pessoal da leitura de *Semântica estrutural*. Em um livro famoso, traduzido para cerca de trinta línguas, *Como falar dos livros que não lemos* (2008 [2007]), Pierre Bayard, um de meus colegas da Universidade de Paris 8, dedica um capítulo, bastante divertido e emocio-

\* Professor de literatura francesa e semiótica na Universidade Paris 8 - Vincennes - Saint-Denis. Foi presidente da AFS - Association Française de Sémiotique de 2013 a 2017. Endereço para correspondência: ( denis.bertrandcotar@gmail.com ).

\*\* Pós-Doutorando do Programa de Semiótica e Linguística geral da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Tradutor de vários livros da área de semiótica. Endereço para correspondência: ( dcf70@hotmail.com ).

nante, ao seguinte tema: “Como falar dos livros que lemos, mas dos quais nos esquecemos ou mesmo de cuja leitura nos esquecemos?”.

Muito bem, creio – foi o que todas as exposições testemunharam, e o fenômeno vai muito além dos especialistas que vieram nesses dois dias fazer suas apresentações –, que *Semântica estrutural* (Greimas, 1973 [1966]) é um daqueles livros que podemos esquecer parcialmente, é verdade, mas cuja leitura, podemos dizer com segurança, é inesquecível. Pensando nas análises de Proust sobre a leitura, e, em particular, nas lembranças das leituras nas quais, em nossa memória, os conteúdos do livro concorrem com as condições em que nos encontrávamos como leitores ao longo “daquelas tardes”, eu poderia evocar – como muitos dentre nós – a lembrança de minha – e até mesmo de minhas – leitura(s) de *Semântica estrutural*, o que seria da alçada da semiótica das situações e das práticas (evocadas aqui por Eric Landowski e por Jacques Fontanille), à qual se soma a problemática do corpo estudada por Driss Ablali, no sentido amplo dos planos de imanência sucessivos. No meu caso, essas lembranças se fixam em dois dos maiores rios do mundo: o Mekong e o Mississipi. O curso de suas águas lamacentas faz parte de minha lembrança da análise sêmica. A primeira leitura, leitura de descoberta, aconteceu no Laos, em Vientiane, onde eu lecionava linguística, sem conhecê-la. Dentre os livros lidos na véspera para serem ensinados no dia seguinte estava, *Semântica estrutural* e sua leitura foi um choque para mim que, ao voltar a Paris, fui encontrar seu autor para perguntar-lhe se ele poderia fazer a gentileza de me aceitar como doutorando. A segunda leitura, no delta do Mississipi, em Louisiana, é mais venal. Uma professora da universidade de Thibodaux, onde uma grande placa na entrada anunciava “Harvard nos pântanos”, preparava sua tese de doutorado sobre *Semântica estrutural*; tese que consistia em uma tradução para o inglês desse livro. Ela então me contratou para fazer esse trabalho, tarefa que realizei, bem bisonhamente, durante vários meses com uma colega francesa não semiotista, mas melhor anglicista. A doutoranda americana nos remunerava. Eu nada soube do resultado desse negócio pouco honesto, mas ao menos ele me pôs em contato de verdade com o texto, com todas as exigências que isso implica – como lembrou Sündüz Öztürk aqui mesmo, em sua exposição sobre os problemas da tradução da teoria.

Estou certo de que cada um dos leitores desse livro poderia recordar em algumas anedotas a história dessa experiência intelectual, decisiva para vários deles. Mas não se trata aqui de fazer a hagiografia de *Semântica estrutural* nem de seu autor, gênero que presa a anedota. Na realidade, a análise dessa experiência pertence à problemática mais geral da leitura como atividade interpretativa, centrada notadamente – é o

que me interessa aqui – nas isotopias complexas e em sua apreensão (a isotopia das águas lamacentas dos rios que acompanham o movimento dos conceitos semânticos, a isotopia da experiência sensível da leitura ligada à isotopia, puramente cognitiva, da compreensão conceitual). A questão das isotopias complexas é longamente desenvolvida no centro de *Semântica estrutural* e estabelece, a meu ver, ao problematizá-la, uma das junções essenciais entre semântica e poética do sentido.

## 2 Leitura e transmissão: o caso de *Semântica estrutural*

Por que guardamos desse modo *Semântica estrutural*? Porque o saber que se constrói nesse livro se apresenta como transmissível já à primeira vista. Foi nele que aprendemos as primeiras modalizações e articulações da forma do conteúdo, a análise sêmica, a divisão dos semas em nucleares e contextuais, os classemas, cuja composição gera os sememas, que se expandem em isotopias. Foi nele que descobrimos as unidades discretas e as unidades integradas, que darão o actante e o predicado, o estatismo e o dinamismo dos quais se depreendem as funções e a construção progressiva da cadeia sintagmática com, em seu centro, a transformação. Nele compreendemos como se integravam, a uma teoria semântica de fenômenos locais, as funções propianas que davam acesso à dimensão global da discursividade e de seu centro narrativo. Mas o acontecimento mais particular de toda essa experiência foi, creio, sua qualidade de transmissão. Basta aplicar o teste da transmissibilidade a um texto teórico qualquer para se ter uma ideia de suas propriedades e de sua coerência interna. Lembro aqui a apresentação que Sémir Badir fez das estruturas elementares da significação – que à montante encontram Hjelmslev e à jusante, Greimas – para ter a medida da comunicabilidade dos modelos.

Em *Semântica estrutural*, a dimensão descritiva é, de fato, analítica; a dimensão analítica é explicativa e a dimensão explicativa é didática. É um livro que se ensina, que deu nascimento a inúmeras obras pedagógicas: Courtés, Grupo de Entrevernes, Fontanille, Bertrand; sem falar das múltiplas fotocópias, fichamentos e outros instrumentos de difusão. A pedagogia do sentido que ele traz em si poderia ser objeto de um estudo particular e de uma comunicação no âmbito deste colóquio.

Nós dedicamos os dois últimos anos do Seminário de Semiótica de Paris (2015-2016) ao tema da “Transmissão”. Na sessão de encerramento do seminário, em junho de 2016, Jean-François Bordron, co-organizador com Ivan Darrault, Jacques Fontanille e eu próprio, propôs uma *sintagmática da transmissão*. Resumo

aqui, um pouco de memória, seu raciocínio, que me pareceu bastante esclarecedor. Para que haja alguma coisa a transmitir, dizia ele, é preciso que um dia alguém tenha tido uma ideia, que transforme essa alguma coisa em um acontecimento, que essa coisa se mostre isolável, delimitada, à maneira de uma receita. Ora, quando se olha mais de perto, a transmissão não transita do destinador ao destinatário como um bem; o que se transmite é menos um objeto que sua enunciação. Na verdade, é preciso transmitir o interesse pela coisa mais que a coisa ou, em todo caso, transmitir tal interesse antes da coisa. É preciso que se saiba porque é interessante, sedutor, desejável transmiti-la. É o que se chama mediação, é o que exploram de fato, *ad libitum*, as mídias; o pressuposto do interesse. Na falta desse desejo, na falta dessa “aura” com que se envolve a coisa, na falta da força epidíctica do louvável, nada se transmite. Aí está, nos dizia Bordron – reformulo à minha maneira –, a necessidade que precede à transmissão e seu elo imperativo com a mediação. Mas há também uma necessidade posterior: a apropriação. Não basta ler uma receita para conseguir realizá-la. É preciso, além disso, habilidade. É preciso apropriar-se dela. Não basta ler *Semântica estrutural* para ensiná-lo, é preciso também fazê-lo seu; e “apropriar-se” é reativar permanentemente o sentido, é revivificá-lo. Pierluigi Basso e Odile Le Guern organizaram em Lion II, em maio de 2016, um colóquio muito interessante sobre a apropriação.

Estes três momentos: transmissão, mediação, apropriação, formam, portanto, a sintagmática da transmissão. Pode-se considerar que entre os três existe um elo necessário ou, ao menos, transcultural. Eles constituem, assim, um esquema semiótico comparável ao esquema narrativo: tal como nesse caso, cada sequência pode ter temporalidades e status recíprocos diferentes. Como quer que seja, o prolongamento da apropriação-assunção é a invenção, a possibilidade, talvez a condição, da descoberta feita sobre a base do que está perfeitamente integrado: o novo nasce do apreendido; o desconhecido, do conhecido. É por isso que propusemos “A invenção” como tema do Seminário de Semiótica de Paris para este ano.

O que acabo de expor é a relação que o leitor-transmissor estabelece com *Semântica estrutural*, fenômeno que oculta parte da dimensão que chamei de poética, e que se poderia chamar mais exatamente de *poïétique*, que mobiliza o fazer do leitor. Nossas duas jornadas o atestam: a cada comunicação, uma leitura, a cada leitura uma nova proposição.

Para melhor compreender essa dimensão, ao menos é minha maneira de fazê-lo, proponho-lhes pegar um desvio, um desvio pelo ulterior que nos permitirá para chegar até o anterior. Uma de minhas alunas, russa, acaba de defender uma dissertação na Universidade de Paris 8 sobre a poesia; sobre o que ela chamou de

“composições posicionais”. Ela destacou um fenômeno central, o da inércia semântica, ou seja, a energia e a velocidade de sentido adquirida, por meio da qual aquilo que está antes nutre aquilo que está depois, molda as expectativas, exerce uma pressão protensiva, gera o que Jakobson chama de “expectações”, frustradas ou não, e que passa naturalmente por todos os fenômenos de retomadas, paralelismos, redundâncias diversas, tanto do significado quando do significant. Ela o fez ao comentar de muito perto a trama histórica de estudo desse fenômeno nos trabalhos dos estudiosos russos da poesia, desde Biely até Lotman, passando por Tynianov e Jakobson. É exatamente um fenômeno dessa ordem que eu gostaria de explorar rapidamente, ao passar de *Semântica estrutural* a *Sobre o sentido* (1975 [1970]), para voltar em seguida a *Semântica estrutural*. *Sobre o sentido* traduz a “expectação” do que *Semântica estrutural* deposita na memória do leitor.

### 3 Desvio por *Sobre o sentido*: para uma retroleitura

O desvio por *Sobre o sentido* (Greimas, 1975 [1970]) abrange apenas a introdução desse livro, publicado quatro anos após aquele que nos interessa: pode-se levantar a hipótese de que há uma forte inércia semântica entre ambos; ao menos para o leitor. E até mesmo uma inércia de trás para frente, que suscita uma retroleitura esclarecedora. Em todo caso, é a minha hipótese. Ocorre que Herman Parret também recorreu a *Sobre o sentido* para falar de *Semântica estrutural*.

Essas dez páginas, que não hesito em qualificar como soberbas – para mim, trata-se de um dos mais belos textos de Greimas, mas isso é subjetivo... se bem que a subjetividade é apenas parcial, pois (e isso se poderia mostrar) a proposta da semiótica literária não é mostrar porque, objetivamente, as obras nos cativam? –, são eminentemente abstratas: trata-se de uma longa reflexão, ora técnica ora desabusada, acerca da possibilidade de um discurso sobre o sentido e sobre a insondável dificuldade de descrevê-lo. Ora, secretamente, em conformidade com o modelo da isotopia complexa e da bi-isotopia que foi construído em *Semântica estrutural*, uma isotopia segunda se trama sob o pulular das isotopias abstratas de superfície, e essa isotopia elidida, mas que está claramente lá, apoia-se em uma sintaxe que assegura a legibilidade, pode-se dizer a transparência, do texto.

Concretamente, essa introdução se apresenta como uma sequência de parágrafos regularmente separados a cada duas ou três páginas por um espaço em branco. Temos assim quatro grandes blocos textuais. Ora, é realmente surpreendente que não se perceba à primeira

vista que os quatro blocos se organizam em quatro sequências perfeitamente homogêneas, pois são organizadas por um esquema narrativo subjacente. Volto aqui à exposição de Diana Luz Pessoa de Barros sobre a gênese da narratividade na semiótica greimasiana. O que é certo é que embora o esboço da narratividade seja decisivo em *Semântica estrutural*, nesse momento ele ainda está muito próximo do universo do conto maravilhoso, é extraído precisamente da análise propiana, está à espera de uma modelização mais geral e longe de estruturar os “discursos em ciências sociais”, como o fará, muitos anos mais tarde, em um livro coletivo publicado sob esse título, organizado por Algirdas Julien Greimas e Eric Landowski (1986 [1979]). De igual modo, esse esboço está distante da formalização modal e da esquematização que se seguirão em *Sobre o sentido*, no *Dicionário de Semiótica* (2008 [1979]) e em *Sobre o sentido II* (2014 [1983]). Ora, é exatamente esse mesmo esquema, ainda não teorizado, que está manifestado e antecipadamente presente em *Semântica estrutural*, impondo seu “imaginário” sintagmático a um texto que parece estar a mil léguas de tal formalização. Vejamos em linhas muito gerais qual história ele nos conta (tal como fez Descartes em *O discurso do método* (1996) ao escrever, sem atingir as condições conceituais, uma grande narrativa da abstração, estruturada de ponta a ponta pelas exigências antropológicas da narratividade). Observa-se, então, facilmente, que existem aí quatro sequências rigorosamente encadeadas, que são as do futuro esquema narrativo canônico, que, em *Semântica estrutural*, lembro, se limita à formulação em três tempos: 1. “prova qualificante”, 2. “prova principal”, 3. “prova glorificante”, e que se tornarão ulteriormente o que já são aqui: a falta > competência > performance > sanção. Resumamos em grandes linhas essa trama.

1. *Primeira sequência: a falta* (os cinco programas do fracasso) (Greimas, 1975, p. 7-9), que gera a busca. Essa busca é a da variação diferencial. . . Poderíamos chamar essa sequência de “as estâncias do fracasso”. O que chamamos aqui *estâncias*, mais razoavelmente, consiste em uma sucessão de programas narrativos (PN) de uso, a serviço de um programa de base que já é instalado como utópico.

- *PN 1*. A primeira frase se apresenta à maneira de um *incipit* romanesco e poderia se tornar célebre: “É extremamente difícil falar do sentido e dizer a seu respeito algo sensato” (Greimas, 1975, p. 7). Sem levar em conta o conteúdo paradoxal, há a insistência do significante que “escande” a frase: “sentido”, “sensato”. E o texto prossegue: “Para fazê-lo convenientemente, o único meio seria construir uma linguagem que não significasse nada: se estabeleceria, assim, uma distância objetivante que permitiria manter discursos desprovidos de

sentido acerca de discursos sensatos.” (Idem, *ibid.*). Mas essa solução, igualmente paradoxal, só pode conduzir ao fracasso. Por quê? Porque para os lógicos o não-sentido é uma forma abstrata de falar do sentido, à qual a própria língua faz seu desafio: a expressão “desprovido de sentido” tem sentido, como o mostrará a filosofia do absurdo.

- Segue-se, então, toda uma série de programas cujo andamento acelerado de repetição pode ser facilmente interpretado, semissimbolicamente, como a manifestação de uma impaciência, até mesmo de uma ansiedade, no âmago do discurso científico. O PN 2, da ilusão axiomática, acarreta o fracasso, o mesmo se dando com o PN 3, da ilusão da subjetividade, da liberdade interpretativa de um “eu” que crê ser possível ignorar um “nós”. A descoberta da relação saussuriana (PN 4), da definição diferencial do sentido, revela-se igualmente ilusória, apesar de seu rigor formal aparente, pois, inevitavelmente, ela se substantiva e se reifica. Mas eis que aparece um quinto programa possível, o PN 5, do distribucionismo e da descoberta da variação: o sentido negativo. Vislumbra-se, então, a possibilidade de um sucesso, ainda que parcial.
- Efetivamente (PN 6), a sanção final reconhece o semifracasso do único resultado obtido. Os “procedimentos de controle”, oriundos do PN 5, garantem a coerência interna”, valor seguro da busca inexoravelmente fracassada. Mas, ao menos, a falta é instaurada. Todos os programas que se sucederam também a consolidaram ao impor sua pertinência. A narrativa pode prosseguir.

2. *Segunda sequência: a competência*. Esta consiste em “colocar-se em condição figurativa” para assistir, por uma espécie de suspensão, de *epokhé* fenomenológica, ao “jorro do sentido” (Greimas, 1975, p. 9-12). Ela também se subdivide em programas facilmente identificáveis.

- O PN 1 consiste em aceitar o jogo das figuras e mesmo em consentir com ele: “cortina de fumaça erguida por nós”, e diante dessa cortina “uma teia de aranha dificilmente perceptível, feita de milhares de variações diferenciais entrelaçadas”: eis o parecer imperfeito do sentido que estará no ponto de partida da última obra de Greimas, *Da imperfeição* [2002 [1987]].
- Mas o aceite dessa condição tem suas consequências. Ele conduz ao PN 2, já antagônico: encontrar um lugar no “concerto epistemológico” em que “a voz do semioticista tenha algo a dizer”, compreendemo-lo pelo simples fato de que ele aceitou a “condição figurativa”, tão minoritária, entre

o erudito e o poeta. Isso o leva a assumir (PN 3), como semioticista, uma posição “entre a admiração e a desconfiança”, diante da linguagem formal e até mesmo (PN 4) a reconhecer, por mais que lhe custe, os limites dos modelos lógico-matemáticos. Enfim, trata-se do PN 5, conclusivo da sequência, é preciso reconhecer definitivamente que é estreita a porta da competência “semiótica” situada entre “as duas competências que são indiscutíveis: a filosófica e a lógico-matemática”.

3. *Terceira sequência: a performance*, a prova, a dramatização que, pelos obstáculos, conduz ao “sucesso da empreitada” (Greimas, 1975, p. 12-14).

- PN 1: “O homem vive em um mundo significante”, intuitiva e espontaneamente assumido; interrogá-lo implica uma dimensão metalinguística. Ora, olhada de perto, essa dimensão metalinguística se vê diante de terríveis *riscos veridictórios*: mentiras, manipulações, mal-entendidos. Assim que a metalinguagem diz: “o que esta palavra quer dizer? O que se *entende* por isto?”, ela antropomorfiza. Isso faz tremer: estamos prestes a nos encontrar em um universo um tanto fantástico, a *prosopopeia está por toda parte*, o mundo das abstrações se anima. Uma frase decisiva, a meus olhos, fundamental, indica o lugar do semiótico e do figurativo: “Uma vez que a língua natural jamais é denotativa, mas multiplana, viver sob a ameaça constante da metáfora é um estado normal, uma condição da condição humana” (Greimas, 1975, p. 14); “a ameaça”!

4. *Quarta sequência: o telos; condições de uma sanção positiva* (Greimas, 1975, p. 14-17) a que vai assistir ao final (provisório) do percurso com a identificação do objetivo a ser atingido, o qual, enfim, se delinea.

- Eis que primeiro aparecem novos programas, mas orientados de um modo diferente, já invertendo sua valência: o PN 1 registra *riscos inéditos*, que implicam que a busca do sentido, própria do semioticista, cujo papel temático agora se distingue do de seus antissujeitos potenciais (o lógico, o filósofo), se desloque: ela deve afrontar o arbítrio, a gratuidade, deve desconfiar dos “trechos sensoriais”, se inquietar com os devires cruzados do profissional da linguagem: o devir-escritor do semioticista, o devir-semioticista do escritor. Na realidade, esse “programa” constitui um “estado” de coisas conjectural, um “estado histórico” a ser aceito. Efetivamente, é sobretudo o PN 2 que impõe sua novidade, pressentida desde o início da narrativa e doravante conquistada como uma

certeza: a “produção do sentido” pode ser assimilada à “transformação do sentido”. A apreensão esperada, sem cessar adiada e agora entrevista, se situa nos “processos de transformação”. Aqui está a aquisição de fato, o objeto de valor identificado: “aprendeu-se a melhor conhecer onde ele (o sentido) se manifesta e como se transforma.”

- Chega, enfim, o último programa (o PN 3), que representa a sanção positiva final, a transformação realizada, a falta liquidada ao termo da busca sob a forma de um enunciado de estado, o enunciado de um resultado: “a forma semiótica não é outra coisa senão o sentido do sentido”, o semema da primeira ocorrência deve ser o da dinâmica transformadora.

No todo, essa leitura retoma o tema teórico da isotopia complexa, que é, a meu ver, a lição central de *Semântica estrutural*; lição que, do ponto de vista formal, visa a demonstrar a existência da isotopia subjacente, que é, ao mesmo tempo, onipresente e diretiva; e que, do ponto de vista experimental, objetiva impor a reflexão sobre os *modos de existência* do sentido: essa isotopia de fato oscila entre seus diferentes estatutos, virtualizada, atualizada, potencializada ou realizada, o que não deixa de provocar “debate”: a hermenêutica está aqui. Tal questão, contemporânea para a semiótica, foi um dos grandes temas deste colóquio. Jacques Fontanille abordou a dinâmica dos modos de existência, a qual produz, segundo ele, efeitos de “ontologizações” múltiplas, de acordo com as culturas; Ayse Kiran desenvolveu a hipótese dos “virtuemas”, entidade que supostamente pode ser identificada como modo de existência. Por trás dessas proposições está a isotopia complexa. É ela que, de fato, articula ao menos dois modos de existência da significação. E a reconstrução assumida dessa parte invisível do sentido é apresentada em *Semântica estrutural* como própria do poético. Poética ou não, no texto introdutório de *Sobre o sentido*, essa isotopia reconstruída como estrutura narrativa subentendida, imperceptível na primeira abordagem, faz sobressair claramente o modo de existência virtual, que é atualizado pelo metadiscurso.

## 4 Poeticidade e retorno à *Semântica estrutural*

Uma vez que falamos de poeticidade e chegamos ao centro de nossa fala, é preciso, evidentemente, tentar definir esse termo com precisão, dos mais polissêmicos e ambíguos, o que ultrapassa nossos propósitos aqui. Lembraremos apenas alguns elementos constitutivos, deduzidos do discurso greimasiano.

O primeiro traço da poeticidade é a natureza figurativa do sentido, como lembra esta frase-chave: “uma

vez que a língua natural jamais é denotativa, mas multiplana, viver sob a ameaça constante da metáfora é um estado normal, uma condição da 'condição humana'" (Greimas, 1975, p. 14). As metáforas greimasianas (tanto em *Semântica estrutural* quanto em *Sobre o sentido*) formam um corpus que desenha os contornos de um imaginário. A figura central é certamente a do filtro, ou antes do par "filtro" e "tela", seu corolário obrigatório. . . Essa imagem persistirá até *Da imperfeição*: "a tela do parecer imperfeito" do sentido.

O segundo traço da poeticidade, sempre no plano do conteúdo, é o das isotopias ocultas, expansão exponencial de uma das propriedades do discurso ordinário (forçosamente biplano) com o efeito de profundidade que daí resulta e que demanda interpretação. O terceiro traço diz respeito ao plano de expressão e à materialidade do significante, em que se conjugam o semântico e o sensível. Pode-se citar a esse respeito o estatuto do semiológico – desenvolvido por Paolo Fabbri – e a questão do semissymbolismo, a da corporeidade; na verdade, o elo que um semiótico como Jean-François Bordron tece entre indicialidade e iconicidade. Enfim, o quarto constituinte da poeticidade diz respeito à subjetividade da enunciação e à posição do sujeito. . . Ponto crucial e problemático. Centrei minha fala na volta sub-reptícia da subjetividade, lembrando uma das passagens de *Semântica estrutural* mais frequentemente citadas, a que se refere precisamente à rejeição metodológica da enunciação.

"Todo discurso pressupõe, como se sabe, uma situação não linguística de comunicação, que é recoberta por certo número de categorias morfológicas que a explicitam linguisticamente, mas que, ao mesmo tempo, introduzem na manifestação um *parâmetro de subjetividade*, não pertinente para a descrição, e que, conseqüentemente, deve ser eliminado do texto (a menos que a análise tenha escolhido esse parâmetro como objeto de descrição).

As categorias a serem eliminadas são principalmente as seguintes:

1. A categoria da *pessoa*. (. . .) O descritor deverá ficar atento aos mil estratagemas que permitem ao locutor intervir ou permanecer, mascarado, no texto.
2. A categoria do *tempo*. A eliminação refere-se a todas as indicações temporais relativas ao *nunc* da mensagem (. . .) [em proveito do *então*].
3. A categoria da *déixis*. Todos os dêiticos (. . .), na medida em que contém a apreciação subjetiva do locutor, serão excluídos do texto.
4. Todos os elementos fáticos em geral (. . .) (Greimas, 1973, p. 153-154).

Insistimos nos "mil estratagemas que permitem ao locutor intervir ou permanecer, mascarado, no texto". Há certamente aqui algo a explorar, pois essa passagem encobre elementos essenciais para uma poética do sentido. De fato, como sabem seus leitores, a subjetividade não está ausente de *Semântica estrutural*, e sua presença multiforme aguarda uma análise: irrupções convencionais do sujeito do discurso (nas normas do discurso científico) e sobretudo irrupções do "nós" nas famosas "observações" que escandem texto – "Contentamo-nos no momento em. . ." – verdadeiros estilemas greimasianos pelos quais uma debreagem fortemente marcada autoriza a embreagem enunciativa em um quadro discursivo circunscrito com cuidado; jogos do implícito, do humor e da ironia, cujos exemplos abundam (por exemplo, nas páginas 87-88, a análise do grandiloquente período de Bossuet é imediatamente seguida por esta definição das palavras cruzadas: "difamação que põe fim a um falatório às vezes bastante familiar"); ou ainda a sobrevivência de uma emoção autêntica, como a que se manifesta na narrativa desta "experiência pessoal" (Greimas, 1973, p. 101), a história do velho amigo atingido por uma hemorragia cerebral que o torna incapaz de apreender qualquer significação poética – isto é, a isotopia segunda – embora ele mantenha a "consciência aguda, para não dizer trágica, da existência desse metatexto que se tornou inapreensível", "experiência" que confirma, para além da marca do *pathos*, a existência de uma comunicação bi-isotópica.

Subjetividade e poeticidade, tais são as propriedades do discurso literário cujo traço é encontrado na própria escrita científica. Mas, para terminar, vamos ao último capítulo de *Semântica estrutural*, intitulado "uma amostra de descrição" (Greimas, 1973, p. 221-256). Ele é dedicado à retomada, por Greimas, de um ensaio semântico literário de Tashin Yücel sobre o universo de Bermanos, fundado na categoria actancial regente vida/morte, apresentada inicialmente como isotopia a ser descrita, e que emerge, escreve Greimas, da "redundância de certos lexemas" (p. 223). Embora haja muito a dizer sobre esse primeiro exercício prático de semiótica literária, que antecipa a análise de "Dois amigos", de Maupassant, que aparecerá dez anos mais tarde (Greimas, 1976), pode-se resumir-lo em grandes linhas, afirmando que se trata, essencialmente, da construção paradigmática dessa categoria em diferentes níveis, mediante homologias que autorizam os investimentos figurativos, (luz/escuridão, calor/frio, fogo/água); as figuras passionais (humildade/orgulho, júbilo/tédio); as condutas veridictórias (verdades e mentiras), etc. Esses elementos vitais e mortais entrelaçados transformam no plano diacrônico os conteúdos axiológicos iniciais em "Vida ideal" e "Morte total". Eles transformam, poderíamos dizer hoje, nos termos da semiótica tensiva, seguindo Claude Zil-

berberg, uma relação de subcontrários (vida/não-vida vs morte/não-morte) em uma relação de sobrecontrários (Vida-ideal/Morte-total).

A análise como um todo coloca a nu o vazio do sentido, as redes subjacentes e mostra sua coerência, revela o “mistério” da isotopia complexa: o estudo – é a razão de ser de seu caráter conclusivo no livro – ilustra, prolonga e aprofunda a condição multiforme da isotopia do discurso, tornando-se, assim, o centro de sua poeticidade.

Ora, a esse respeito, eu gostaria de lembrar o caminho percorrido desde *Semântica estrutural*, relacionando o estudo do universo de Bermanos a uma experiência de análise em curso sobre uma obra – ou um universo – também literário. Esse estudo registra os desenvolvimentos contemporâneos da semiótica: indo além das homologias paradigmáticas que instalam hierarquias de isotopias, procuraremos o que funda o “estilo semiótico” da obra ou, em outra perspectiva, o que, pelas formas de sua escrita, desenha uma proposição de “forma de vida”. “Estilo semiótico” ou “forma de vida”, essas entidades emergem nos dois casos de um fenômeno de congruência dos formantes do sentido, isto é, de uma deformação homogênea dos diferentes níveis de apreensão da significação discursiva, como uma dobra que afetaria os planos enunciativo, figurativo, aspectual, temático, narrativo, modal, e mesmo categorial, no nível das estruturas profundas. Diferentemente das formas de coerência paradigmática, que são depreendidas dos escalonamentos de isotopias, mas as prolongam, resulta dessa congruência de formantes, tanto sintáticos quanto semânticos, uma coerência particular que então é interpretada como a singularidade de uma *estesia*, e se exprime na individualidade de um “estilo”.

É nessa perspectiva que abordaremos o romance de André Gide, *O diário dos falsos moedeiros*, publicado na França em 1925. Do ponto de vista da história e da crítica literárias, esse romance é, como se sabe, o primeiro a marcar uma ruptura explícita com a tradição triunfante da escrita romanesca do século XIX, aquela que sob os nomes de “realismo” e depois de “naturalismo” levou mais longe os protocolos de escrita capazes de impor eficazmente o efeito veridictório da impressão referencial. Após Gide, virá o *Nouveau Roman*.

*O diário dos falsos moedeiros*, qualificado pelo autor em sua dedicatória como “meu primeiro romance”, é também conhecido por ser o “romance do romance” e, mais ainda, o romance do romancista que está escrevendo um romance; o personagem do escritor Edouard exprime em seu “Diário”, no interior do romance, todos os problemas e dificuldades da escrita do romance em curso, precisamente intitulado “O diário dos falsos moedeiros”. O próprio título foi objeto de numerosos comentários, uma vez que, embora pelo fim do

romance exista uma pequena história de tráfico de moedas falsas colocadas em circulação por adolescentes de boa família, esse título é pluri-isotópico. Além disso, o romance encarna o problema da abertura do sentido para a *incerteza*. De fato, se ele denuncia, em uma isotopia moralista, a falsa moeda das condutas e da hipocrisia em oposição à autenticidade, ele surge mais certamente para o semioticista como dotado de uma significação modal: ele se implica na falsa moeda do crer, precisamente a que os romancistas difundem ao fazer crer na verdade de seus personagens e suas ações de papel, e, mais amplamente, na verdade que dá crédito a todos os manipuladores, agentes do “fazer crer”. *O diário dos falsos moedeiros* é o romance da desilusão romanesca. O termo chave é a *contingência*.

Em 1895, Gide publicara um pequeno livro, *Paludes*, que em seguida foi objeto de culto; não era um romance ou uma narrativa, mas uma “sotia” (como *Os porões do vaticano*), isto é, termo exumado da Idade Média, uma farsa satírica e bufona, obra dos idiotas e loucos (no sentido medieval). Curiosamente, esse livro teve inicialmente como subtítulo, em sua primeira edição, “Tratado da contingência”, antes que esse subtítulo desaparecesse nas inúmeras reimpressões que se seguiram. Fenômeno extraordinário, a contingência – modalidade alética do “não dever ser” ou do “poder ser ou não ser” – se exprime no próprio significante editorial: o nome pode ser impresso ou pode não sê-lo. Ora, essa modalidade constitui um fio vermelho notável para a abordagem do romance *O diário dos falsos moedeiros*, que, em todos os níveis, sob todas as formas, através de todas as suas problemáticas, até seu registro enunciativo, encontra-se inteiramente sob o signo modal da contingência (antecipando a filosofia existencialista do absurdo). Essa congruência surpreendente, da qual se poderia facilmente fazer uma leitura gerativa, define então precisamente uma proposição de forma de vida.

Para começar, a contingência cunha com seu signo a *figuratividade*, isto é, a eficácia icônica do romance, que faz da tríade espaço-tempo-pessoa o fundamento fiduciário de nossa leitura: acontece alguma coisa a alguém em algum lugar num dado momento. Ora, o próprio *incipit* destila a dúvida: “É o momento de crer que ouço passos no corredor”, diz Bernard a si mesmo” (Gide, 1925, p. 175). Esse início *in medias res* apresenta um universo figurativo e narrativo totalmente instável. A confiança perceptiva é relativizada, fica sujeita tanto à memória convencional das narrativas policiais já lidas quanto à própria experiência sensorial em si mesma. De maneira geral, o mundo figurativo no romance parece atingido por certa corrosão, ele é diáfano, vacilante, beira a desagregação; parece tão interiorizado que impõe o universo referencial como ilusão.

A contingência cunha também o funcionamento dos *pontos de vista*: nenhum está assegurado, todos são parciais, cada acontecimento pode ser focado e contado de outro ponto de vista, o que explica o caráter ao mesmo tempo aleatório e elíptico de cada cena, com o universo do sentido sendo insaturável. De igual modo, é impossível decidir quem é o herói, e o leitor se pergunta até mesmo se há um herói – todos os personagens, ou quase todos, se desdobram e em cada um deles multiplicam-se as instâncias mais ou menos contraditórias. Além disso, de forma ainda mais radical, a contingência afeta o “sentido” em sua acepção teleológica: em um mundo sem finalidade verdadeiramente assumida, o *ato gratuito* tem direito de cidadania. Assim, essa promoção do ato gratuito, anárquico-lúdico, ao qual o nome de Gide está ligado (cf. *Os porões do Vaticano*), insere mais profundamente seu conteúdo axiológico na lógica da continência generalizada. O personagem de Strouvillou, encarnação do cínico – papel patêmico que resulta dessa generalização da contingência –, declara: “não me acontece [...] de entrar numa sala de espetáculos sem desejar que o lustre desabe ou que uma bomba exploda; e, se eu tivesse que saltar com ela, eu a traria de boa vontade em meu paletó [...]” (Gide, 1925, p. 418).

Evidentemente, não é possível prolongar aqui a análise específica de um romance, ainda que a literatura, como observava Jacques Geninasca, obrigue a afrontar o paradoxo de uma ciência do particular – mesmo sabendo-se que só existe ciência do geral. Mas as poucas observações que acabamos de ver bastam para concluir: se de um ponto de vista narratológico, o romance de André Gide oferece uma versão crítica do gênero romanesco, constata-se, ao se conduzir a análise para mais próximo do texto e de sua enunciação, que ele tem um alcance mais amplo. Ele tenta impelir para os limites mais extremos (para a época) as condições de inteligibilidade do sentido: a representação vacila, a coerência é abalada, a dinâmica do texto oscila. Não apenas suas isotopias em sua estrutura hierarquizada, mas também suas configurações narrativas, seus dispositivos de papéis, seus modos de ação, seus arranjos cognitivos e seu próprio registro enunciativo; todos esses constituintes se orientam da mesma maneira, como que levados por um mesmo vento: estão colocados sob o denominador comum da contingência que condensa os valores e então os apresenta como uma proposição de forma de vida. Avalia-se agora, mediante a maneira como essa figura modal da /contingência/ impõe a difusão de seus traços, o que une e o que separa nossa análise atual, estritamente paradigmática, do universo de George Bermanos nos anos 60. Mas, de *Semântica estrutural* até hoje, é exatamente a poética do sentido que nos parece estar mais claramente em jogo, mediante diferentes instrumentos.

<sup>1</sup> Acerca notadamente das exposições de Jacques Fontanille e, de forma bastante diferente, de Waldir Bevidas.

## Conclusão

Cinquenta anos após a publicação de *Semântica estrutural*, o colóquio reunido para celebrar essa obra foi tudo menos comemorativo. Ele antes mostrou a produtividade como instrumento contemporâneo de pesquisa: quer se trate das relações entre semiologia e semântica, da análise sêmica e do problema da pluri-isotopia, das modalidades e da narratividade, da enunciação e do uso, vê-se perfilar, por meio de todas essas temáticas, a atualidade do trabalho de Greimas, compreendido como uma experiência radical – e arriscada – da linguagem e do sentido. A riqueza das proposições e dos elementos de discussão de hoje mostra a intemporalidade de uma releitura; mostra também o caráter múltiplo e fragmentário dessa obra que, por conseguinte, está à disposição do itinerário da teoria. Um simples fato o demonstra: uma das discussões baseou-se na abertura antropológico-filosófica da semiótica atual<sup>1</sup>. Mais precisamente, parece que se teria operado uma espécie de deslocamento dedutivo: do modo (no sentido semio-lingueiro da modalidade) passou-se ao modo de existência e daí à existência; depois, da existência passou-se à realidade, e, enfim, das realidades múltiplas sujeitas às experiências (culturais e individuais) passou-se às ontologias, dado que o conceito está geralmente no plural. Essa antropontologia deu lugar a um debate bastante vivo sobre a evolução da semiótica, pois, mesmo no plural, o conceito traz uma carga potencialmente crítica a esse respeito, tanto de um ponto de vista teórico, em que se registra uma renúncia a uma de suas posições mais sólidas (cortina de fumaça do sentido, eficácia dos simulacros, princípio da imanência), quanto de um ponto de vista estratégico, relativo às relações delicadas que a semiótica entretém com a filosofia. O gesto retrospectivo da homenagem segura transformou-se em um olhar prospectivo inquieto. Missão cumprida, para um colóquio. ●

## Referências

- Bayard, Pierre  
2007. *Comment parler des livres qu'on n'a pas lus*. Paris: Minuit (coll. « Paradoxe »). [Bayard, Pierre. *Como falar dos livros que não lemos*. Trad. Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008].
- Descartes, René  
1996 *Discurso do método*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes (Clássicos).



Gide, André

1925. *Les faux monnayeurs*. In: Gide, André. *Romans et récits*. Œuvres lyriques et dramatiques, II. Paris: Gallimard (Coll. La Pléiade). [Gide, André. *O diário dos falsos moedeiros*. Trad. de Mário Laranjeira. São Paulo: Estação liberdade, 2009].

Greimas, Algirdas Julien

1973 [1966]. *Semântica Estrutural*. Trad. Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix / EDUSP. [Greimas, Algirdas Julien. *Sémantique structurale*. Paris: Larousse.]

Greimas, Algirdas Julien

1976. *Maupassant*. La sémiotique du texte. Exercices pratiques. Paris:, Seuil. [Greimas, Algirdas Julien. *Maupassant: a semiótica do texto: exercícios práticos*. Trad. de Teresinha Oenning Michels e Carmen Lucia Cruz Lima Gerlach. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.]

Greimas, Algirdas Julien

1975 [1970]. *Sobre o sentido*. Ensaios semióticos. Trad. Ana Cristina Cruz Cezar et alii. Petrópolis, RJ: Vozes. [Greimas, Algirdas Julien. *Du sens*. Paris: Seuil.]

Greimas, Algirdas Julien

2014 [1983]. *Sobre o sentido II*. Ensaios Semióticos. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Edusp.

Greimas, Algirdas Julien

2002 [1987]. *Da imperfeição*. Trad. Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacker. [Greimas, Algirdas Julien. *De l'imperfection*. Périgueux: Pierre Fanlac.]

Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph

2008. *Dicionário de Semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et alii. São Paulo: Contexto.

Greimas, Algirdas Julien; Landowski, Éric (orgs.)

1986 [1979]. *Introdução à análise do discurso em ciências sociais*. São Paulo: Global. [Greimas, Algirdas Julien; Landowski, Eric (éds.). *Introduction à l'analyse de discours en sciences sociales*. Paris: Hachette.]

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

---

Bertrand, Denis

Sémantique structurale et poétique du sens

*Estudos Semióticos*, vol. 14, n. 1 (edição especial) (2018)

ISSN 1980-4016

---

**Résumé:** Greimas rapportait son choix de la langue française à « l'écriture d'acier de Flaubert ». De même, l'édifice conceptuel et analytique de Sémantique structurale donne à la forme du contenu une matérialité qui peut aussi être dite « d'acier ». On interrogera cette sensibilité matérielle qui commande la reconstruction scientifique du sémantisme, et on l'envisagera comme une poétique. Cette démarche libère en effet les potentialités interprétatives du texte de leurs enclaves d'essence, en les rendant alors formellement descriptibles tout en assumant leur part inévitable d'ellipse et d'imperfection. On interrogera sur cette base le passage, au sein de Sémantique structurale, de la construction analytique à l'expression littéraire et, particulièrement, à l'imaginaire de Bernanos étudié par Tashin Yücel, et de là, à l'introduction de *Du sens*, intitulée elle-même « *Du sens* », qui devait paraître quelques années plus tard.

**Mots-clés:** Sémantique structurale ; lecture ; poétique ; sens

---

### Como citar este artigo

BERTRAND, Denis. Semântica estrutural e poética do sentido. *Estudos Semióticos*. [on-line], volume 14, n. 1 (edição especial). Editores convidados: Waldir Bevidas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, março de 2018, p. 28-36. Disponível em: { [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse) }. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 14/08/2017

Data de sua aprovação: 20/10/2017

---